

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e a perna perdida (9/17)

No oco da árvore onde Maya se instalara para passar o verão, também vivia uma família de besouros. Fridolin, o pai, era um besouro trabalhador que se esforçava muito para cuidar de sua grande família. Ele estava muito orgulhoso de seus cinco filhos enérgicos, que haviam cavado seus próprios túneis sinuosos no tronco do pinheiro.

Certa manhã, como sempre fazia, Fridolin veio desejar-lhe bom dia e perguntou se ela havia dormido bem.

“Você não vai voar hoje?” ele perguntou.

“Não, está ventando muito.”

Realmente estava ventando. O vento uivava, jogando os galhos para cima e para baixo e soprando as folhas das árvores. Após cada rajada de vento, o céu clareava, mas as árvores ficavam mais nuas. Até o pinheiro onde Maya e Fridolin viviam estalava e gemia com o vento.

Fridolin suspirou. “Eu trabalhei duro a noite toda. Você tem que fazer algo para chegar em algum lugar. Mas não estou nada feliz com este pinheiro, outra árvore teria sido melhor”, disse ele a Maya. Fridolin suspirou e disse preocupado: “Ah, a vida seria muito bonita se não existissem os pica-paus”.

Maya assentiu. “Sim, de fato, você está certo. O pica-pau come todos os insetos que vê.”

“Se isso fosse tudo, se ele apenas comesse as criaturas descuidadas, então eu diria que um pica-pau também precisa viver. Mas o fato de ele nos seguir profundamente em nossos túneis na árvore é realmente inapropriado”, observou Fridolin.

“Mas ele não pode fazer isso. Ele é muito grande, certo?”

Fridolin olhou para Maya com uma expressão séria, ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça duas ou três vezes. Ele parecia se sentir muito importante porque sabia algo que ela não sabia. “Seu tamanho não importa, minha querida abelha, temos medo de sua língua.”

Maya olhou para ele com os olhos arregalados. Fridolin contou a ela sobre a língua do pica-pau: era longa e fina, redonda como um verme, e como arame farpado e pegajosa. “Ele pode esticar a língua dez vezes o meu comprimento e depois enfiá-la profundamente em todas as rachaduras e fendas da árvore na esperança de encontrar algo lá. É assim que ele entra em nossas casas também.”

“Não me assusto facilmente”, disse Maya, “mas isso é assustador.”

“Ah, não precisa ter medo, você tem um ferrão”, disse Fridolin, um pouco ciumento. “Mas é diferente com nós, besouros.”

Maya ficou ouvindo com o coração acelerado, pensando em suas próprias aventuras no passado e nos acidentes que ainda poderiam acontecer com ela. De repente ela ouviu Fridolin rindo. Ela olhou surpresa. “Olha quem está aqui”, exclamou.

Maya viu uma criatura notável subindo lentamente pelo tronco. Ela não sabia que tais criaturas existiam. “Não deveríamos nos esconder?” ela perguntou, quando o medo superou seu espanto.

“Não seja boba”, respondeu o besouro, “fique quieta e seja educada com ele. Ele é muito culto e também gentil e engraçado. Olha o que ele está fazendo agora!” “Ele está lutando contra o vento”, disse Fridolin e riu. “Espero que as pernas dele não fiquem emaranhadas.”

“Esses longos fios são realmente as pernas dele?” perguntou Maya, com os olhos bem abertos. “Nunca vi nada igual.”

Enquanto isso, Maya podia ver melhor o recém-chegado. Seu corpo, sobre suas longas pernas, parecia balançar no ar e parecia que ele tinha que se segurar em todos os lados. Ele cautelosamente deu um passo à frente, a pequena bola marrom de seu corpo movendo-se para cima e para baixo, e ele se agarrou à árvore com todas as pernas.

Maya bateu palmas. “Bem, você sabe, mesmo em meus sonhos, essas pernas delicadas não existiriam. Elas são tão finas quanto o cabelo e você pode usá-las assim mesmo. Acho incrível, Fridolin.”

Então o estranho se juntou a eles e olhou para Maya com suas pernas altas e pontudas.

“Bom dia”, disse ele, “que vento”, e agarrou-se à árvore o mais forte que pôde.

Fridolin se virou para esconder o riso, mas a pequena Maya educadamente concordou com ele e explicou que ela não voava por causa do vento. Então ela se

apresentou. O estranho olhou para ela através de suas pernas.

“Maya, do Povo das Abelhas, estou feliz em conhecê-la. Eu mesmo pertenço à família das aranhas, das aranhas de pernas compridas. Meu nome é Hannibal.”

As aranhas têm uma má reputação entre os pequenos insetos e Maya não conseguia esconder seu medo completamente. Ela pensou com medo em sua aventura na teia da aranha Thekla. Mas ela pensou: “Eu sempre posso voar para longe, ele não tem asas e sua teia está em outro lugar”.

“Se você não se importa, eu vou sentar no seu grande galho também.”

“Bem, é claro”, disse Maya, abrindo espaço para ele.

“Existem tantos tipos diferentes de animais no mundo”, ela pensou. “Uma nova descoberta a cada dia.” De repente, ela exclamou: “Hannibal, você tem uma perna a mais.”

“Você finalmente notou,” ele disse tristemente. “Mas, na verdade, estou perdendo uma perna, não muitas.”

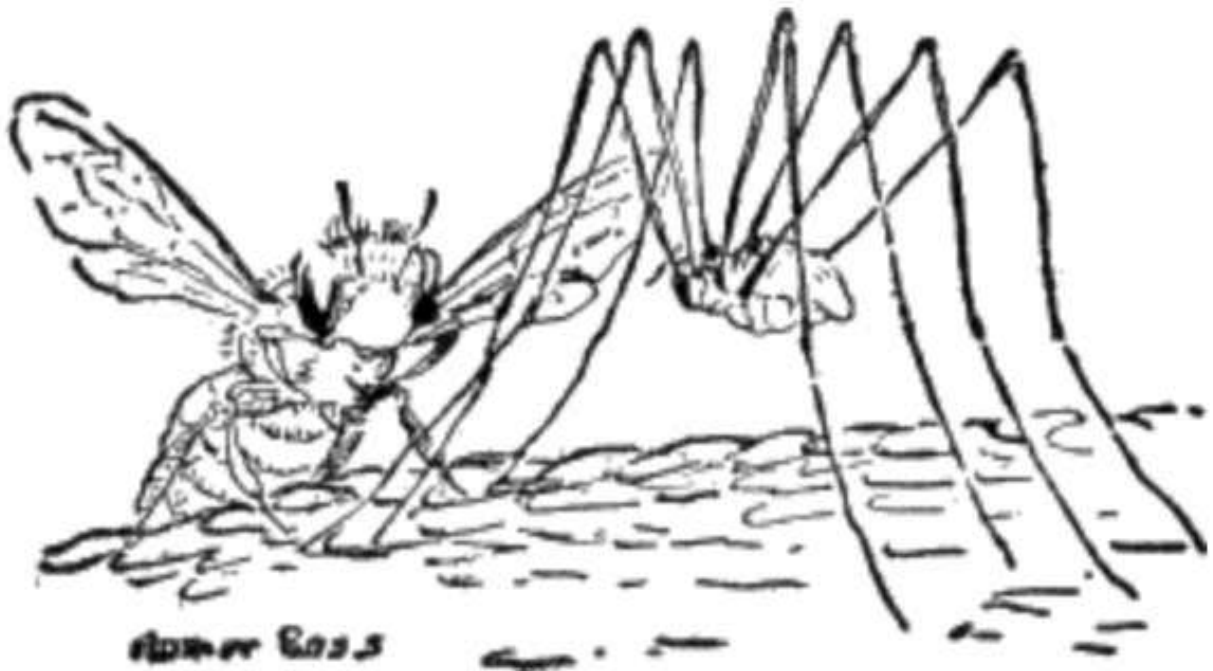
“Por que? Você costuma ter oito pernas?”

“Nós, aranhas, temos oito pernas e precisamos de todas elas. Perdi uma das minhas pernas, realmente muito ruim, mas faço o melhor possível.”

“Deve ser terrível perder uma perna”, disse Maya com simpatia.

Hannibal apoiou o queixo na mão e arrumou as pernas sob o corpo de modo que não fosse fácil contá-las. “Eu vou te contar como isso aconteceu. Claro, um humano estava envolvido. Nós, aranhas, somos cuidadosas, mas os humanos são descuidados.”

“Ah, por favor, conte-me a história”, disse Maya, acomodando-se.



“Ouça,” disse Hannibal. “Nós, aranhas, caçamos à noite. Eu morava em um galpão de jardim onde podia entrar e sair facilmente. Uma noite, um homem veio com uma lâmpada, papel e tinta porque queria escrever seus pensamentos. Ele escreveu sobre insetos, mas os humanos realmente sabem muito pouco sobre nosso povo inseto. Uma noite, como sempre, eu estava sentado no parapeito de uma janela e o homem estava sentado à mesa. Irritava-me terrivelmente que um enxame de pequenas moscas e mosquitos, dos quais dependo para meu sustento, estivesse sentado sobre a lâmpada e olhando para ela. Eles estariam melhor do lado de fora, sob as folhas, onde estariam protegidos da lâmpada e onde eu poderia pegá-los. Naquela noite fatídica, vi alguns mosquitos morrerem sob a lâmpada. O homem os deixou lá, então decidi ir buscá-los eu mesmo. Essa foi a

minha queda. Eu rastejei até a perna da mesa e cuidadosamente caminhei até a lâmpada. Mas quando passei a garrafa, o homem me agarrou. Ele me levantou por uma das minhas pernas e me balançou para frente e para trás enquanto ria muito. E eu apenas olhei em seus grandes olhos.”

Hannibal suspirou e a pequena Maya permaneceu muito quieta. Sua cabeça girava com a história. “Os humanos têm olhos tão grandes?” ela finalmente perguntou.

“Por favor, imagine como foi para mim,” Hannibal gritou com raiva. “Eu estava pendurado por uma perna na frente daqueles olhos grandes.”

“Terrível! Realmente terrível!”

“Felizmente, minha perna quebrou. Caso contrário, algo muito pior teria acontecido. Caí na mesa e corri o mais rápido que pude. Ele colocou minha perna, que ainda estava se movendo, em um pedaço de papel branco.”

“Sua perna ainda se movia?” Maya perguntou incrédula.

“Sim. Nossas pernas sempre se movem quando são puxadas. Minha perna corria, mas como eu não estava lá, ela não sabia para onde correr.”

“Impossível”, disse Maya, “uma perna arrancada não pode mais se mover.”

“Você ainda é muito jovem para entender, mas nossas pernas continuam se movendo mesmo quando estão separadas de nossos corpos”, disse a aranha com raiva.

“Não posso acreditar sem provas.”

“Você acha que eu cortaria uma perna só para satisfazê-la?” disse Hannibal, ainda mais irritado. “Nunca mais quero ver você. Ninguém jamais duvidou de minhas palavras.”

Maya não entendia o que havia incomodado tanto a aranha ou que coisa terrível ela havia feito.

“Não é fácil lidar com estranhos”, pensou ela. “Eles não pensam como nós e não veem que não queremos fazer mal.” Ela olhou tristemente para a aranha furiosa.

Hannibal aparentemente confundiu a bondade de Maya com fraqueza. Agora algo incomum aconteceu com a abelhinha. De repente, ela se tornou muito corajosa. Ela se levantou, ergueu suas lindas asas transparentes, zumbiu seu zumbido alto e claro e disse com um brilho

nos olhos: “Eu sou uma abelha, Sr. Hannibal.”

“Desculpe-me”, disse ele, e sem se despedir, virou-se e correu o mais rápido que alguém com sete pernas pode correr para o tronco da árvore.

O vento estava quase calmo e prometia ser um belo dia. Maya pensou nos prados cheios de flores e nas encostas

ensolaradas atrás do lago. E ela voou, como uma abelha feliz, alto no ar, rumo aos prados com seus alegres tapetes de flores, e estava feliz por estar viva.

